

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 21 de Abril de 1932

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este número foi visado pela Comissão de Censura

309



sempre
fixe *semanário humorístico*

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

A recusa do Condestavel



— Agradeço a lembrança, mas não aceito. Enaltecer-me a memória, esquecendo a dos patriotas de 24 de Julho, é ideia que peço á Camara a fineza de lançar nos artisticos caixotes do lixo com que vai embelezar as portas das ruas.



Os ditos da semana



Caixotes de luxo A Câmara Municipal resolveu substituir os caixotes de lixo por caixotes de luxo. Abriu-se concurso com um primeiro premio de 5000\$000, como se se tratasse dum concurso para a Estatua de Nan'Alvares, que anda agora muito em moda, e os estelas começaram a congeminar. As concepções da obra vão ser varias e diversas.

Uns apresentarão o caixote Luiz XV, a branco e ouro, com tampa de pedra marmore. Outros mandarão ao concurso o caixote D. João V com ferragens amarelas, ou o caixote em estílo Manuelino, reproduzindo a janela da Casa do Capitulo do convento de Tomar, a porta dos Jeronimos, e outros monumentos nacionais. Não deixará de aparecer o caixote moderno genero artes decorativas, com vidros *bisauttes*, exibindo na tampa a vera effigie do Inventor do Lixo, em homenagem ao primeiro porcalhão que se lembrou de despejar as cascas de ervilha nova a porta da rua e de atirar uma cabeça de sardinha para o quintal da vizinha do lado.

No é pena que a Câmara pense em instituir o caixote uniforme, o que dara ás portas de escada o aspecto monotonico de avenida em dia de parada. Interessante seria deixar uma certa liberdade ao produtor do lixo, permitindo-lhe dar largas á fantasia e ás suas predilecções artisticas e então Lisboa, cidade de turismo, passaria a ter mais um atractivo: a revista dos caixotes de lixo ao romper da manhã. Ir-se-hia por becos e travessas, visitar os caixotes, como quem vai á exposiçáo da Sociedade Nacional de Belas Artes á exposiçáo de pintura.

O caixote do lixo, ou melhor, o caixote de luxo será um indice indicativo da abastança e do gosto artistico de cada um e mais uma coisa a mostrar ao estrangeiro que nos visita.

Segundo nos conta, depois de aprovado o «Modelo Nacional do Caixote de Lixo de Luxo» novo concurso se abrirá, então com um premio de 20.000\$000, para o caixote do gato, guarnecido a carapaus em serenata ao luar de Janeiro.

Emfim, vamos ter o lixo e o gato instalados com higiene e conforto. Depois, um dia, se pensará nas condições de vida e alojamento do nosso povo.

Começou a despejar moedas ali no meio da rua, como se fosse aquele ricaço da rua do Alecrim cuja alcunha é conhecida de toda a gente.

Juntou-se gente e interveio a policia, porque ao contrario do que costuma acontecer com os filhos de pais incognitos, todos queriam ser pais das creanças, agasalha-las, levá-las para casa, para um dia viverem á custa delas, como certos figurões que nós conhecemos.

A voz intima Manoel Barbosa estava a dormir na sua cama, na R. Vidal Negreiros, no Rio de Janeiro como qualquer cidadão que se preza, enquanto a cara metade tinha ido para o trabalho, talvez para que o Barbosa pudesse dormir o seu sono seccgado. Mas o diabo tece-as. A sogra, entrando em casa, foi encontrar o Barbosa acompanhado dum homem todo ferido e ensanguentado, como se o talamo conjugal fosse um hospital de sangue. Entretanto o Barbosa acordou e, supondo que se tratava dum estratagemma de gatuno, desancou o intruso.

Verificou se depois que o pobre homem era um sonambulo que caira do ceu aos trabalhos indo parar ao quintal do Barbosa e que debaixo do

ataque de sonambolismo lhe tinha entrado em casa e se lhe metera na cama.

Ao que parece, uma voz intima e misteriosa, destas vozes que ás vezes nos dizem coisas sem que a gente saiba sequer como as ouviu, tinha dito ao sonambulo:

— Avança que não serás mal sucedido. Entra e mete-te na cama com ele, que a mulher foi á sua vida e ele é o Barbosa.

Como ambos dormiam, — um porque era sonambulo, outro porque dormia de *verdad* sono de gente, ninguem sabe o que se teria passado.

Insondavel misterio Paulo Osorio contava ha dias no «Diario de Noticias» como é a vida dos escaços cento e tal habitantes da Ilha de Tristão da Cunha. De toda a sua narraçáo o que nos faz mais impressáo é saber que os habitantes de Tristão da Cunha não sofrem de dores de dentes. Nem uma cárie, nem nada. E não uzam escova de dentes.

O caso da nos que pensar. Que diabo comeremos nós homens civilizados que vamos ao cinema e temos T. S. F. em casa, que nos dá cabo dos dentes?

Onde porémos nós a boca que a não ponham os cento e

tal habitantes de Tristão da Cunha—semi selvagens perdidos no meio do oceano, desconhecendo as maravilhas do progresso, ignorando Paris, o seculo XX, a vida moderna emfim?

O filho de Lindbergh

Final já se sabe onde está o filho de Lindbergh. Anda a fazer um cruzeiro a bordo dum navio de piratas e qualquer dia aparece em casa, com um livro de memorias, que ha de ser disputadissimo pelos editores.

Julgamos que o filho de Lindbergh não foi raptado. O filho de Lindbergh, fugiu á familia para ir experimentar novas sensações e poder contar com inteira fidelidade como é a vida entre bandidos. O garoto fez daquilo um caso de jornalismo á *sensation* tal qual como o nosso camarada Mario Domingues quando ha tempo desapareceu para fazer uma reportagem sem dinheiro e sem comer, contando apenas na generosidade do publico.

Mas o garoto não tarda aí. O pai deve estar satisleitissimo com o espirito aventureiro do meudo, que cabalmente demonstra a paternidade de Lindbergh.

O garoto não fez mais do que seguir as pisadas do pae, metendo se dentro dum avião e pondo-se a caminho da Europa, sem esltante e sem nada assim como quem vai daqui para Cacilhas. Ora o pae chegou á Europa. Tambem o filigo ha de chegar a casa. E, tal qual como o pae, ha de ser feito coronel.

Hitler O presidente Hindeuburgo dissolveu as tropas de assalto de Hitler. Na Alemanha faz-se assim. Quem manda é o governo. Não ha patrulhas por mais patriotas que sejam os seus apregoados propositos. O velho Hindeuburgo não é para brincadeiras. Quem quer brincar aos soldados proveita a primeira infancia e quem se propõe brincar aos estadistas apanha para seu tabaco.

E acabou-se a parodia. Os milhões de votos que Hitler obteve nas eleições, agora não se contam. Para outra vez será.

Em todo o caso a gente sensata da Alemanha não adormece sobre a victoria, porque não se esquece daquela formidavel sintese:

— Itler onze milhões de votos. Hindeuburgo 84 anos de idade.

Dr. Elysio de Moura

Lente da Faculdade de Medicina de Coimbra



Um grande coração, o paesinho das crianças que não tem pae; o grande sabio e especialista de doenças nervozas, que tem tanto de saber, como de horror aos chapeleiros e cabeleireiros.

Parto na rua Ha dias, na rua de S. Paulo, uma carroça da Casa da Moeda teve o seu hom sucesso.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»



— Maldito vento! Se calhar não vou ficar bem..
— Pelo contrario, até ajuda. Na exposição de fotografias ha-de figurar com o titulo de «petalas ao vento»..

FINALMENTE!

Sempre partiu para o Brasil a companhia Maria das Neves.

Mas o mais sensacional de tudo isto é o ter ido na companhia o nosso simpatico Carlos Leal, que por nada deste mundo queria ir a terras de Santa Cruz.

Pasmai, ó gentes!

Mas o melhor, no entanto, é não deitar ainda foguetes.

Esperemos por telegramas da ilha da Madeira, porque até ver ainda não é tarde.



OS progressos da ciencia:

Actualmente ja ha creanças que tem dois pais. Primeiro um, depois outro.

No Politeama representa-se a comedia *O Pai da Creança*. Primitivamente, quem fazia de pai era o Gil Ferreira. Mas o Gil foi para o Brasil e foi substituido pelo Assis Pacheco.

Como se vê, a creança mudou de pai.



ESTA actualmente no teatro Maria Vitoria uma grande cantora de tangos:

Azucena Malzani.

Como ela é um pouco nutrida, já lhe chamam a «Azucena Macizena»...

UMA pergunta!

Quem souber que responda!

Nós agradecemos...

Porque será que já chamam ao nosso querido Vasco Santana o *Até à Linda?*...



DESTA vez é que é certo.

Começaram já os ensaios da opereta *A Senhora da Saude*.

No entanto, veremos...

Pode ser que o maestro Frederico de Freitas tenha uma ideia melhor...



DO *Diario de Lisboa*:

«Foi afixada no Nacional uma tabela propondo aos artistas da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro uma *tournee* ao Brasil, em data a fixar brevemente.»

Tabela, para que? Se todos querem ir?...



DIZ-SE que vai ser agraciado com a comenda da Ordem da Benemerencia o empresario Lopo Lauer.

Agora é que nós percebemos porque é que ele anda inchado...



CONTINUA no teatro Apolo a comedia «genero livre» *O Quarto Azul*.

Mas o empresario não se tem visto nada azul. Pelo contrario; para ele, o *quarto* tem sido mesmo *côr de rosa*...



ALVES da Cunha lá vai de alada até a Africa, estando já organizada a sua companhia.

Ao que consta, Alves da Cunha aproveitará a sua estada no continente negro para conhecer o gigante Adamastor.

Vão medir-se os dois em trejeita e grandeza!



RECORDAMOS do nosso proeminente *Diario de Lisboa*, de 12 de Abril de 1932, da sua secção *Espectaculos*:

«No proximo dia 14, pelas 22 horas, realiza o odontologista sr. Barros Marinhas, na sede da Sociedade Odontologica Portuguesa, uma conferencia sobre a «cirurgia dos dentes incluzos».

Não percebemos.

Será teatro moderno?

Será alguma revista de José Romano?

Será algum discurso que o Carlos Leal projecta dizer, quando chegar ao Brasil?

Confessamos que não sabemos do que se trata.

AS Marias vão todas para o Brasil.

Já seíram a barra, duas (e, e 3) do corrente, vão outras duas.



A que *santia* será a esposa das *Romarias do Cima*?



HORTENSE Luz trouxe de Madrid 26 *travestis* para cidade.



CONSTA que um dramaturgo muito discutido está escrevendo uma peça intitulada:

Pendão!

Ficamos... «pendentes» dessa manifestação de génio dramático.



PARTIU uma companhia de revistas para o Brasil, a de Maria das Neves.

Brevemente parte outra: a de Estevão Amaranente.

Vai tambem, ao que consta, a do teatro Nacional, com Amelia Rey Colaço Robles Monteiro.

Chama-se a isto *emigração artistica*. Mas nem por isso se resolve o desemprego teatral... com fechar as casas de espectaculos.



CONSTA que vai ser dada a uma arteria do Porto o nome de *Rua da Paz*, em homenagem a Eva Stachino e Zulmira Miranda.

HOMEM DE TODAS AS HORAS



A nova rica é criada:
— Não, hoje não posso levar as minhas joias; estou muito cansada...

O baile das Pintalgayas

Joaninha teve uma grande alegria ao saber que a sua velha e grande amiga Tita Biscaya — da nobre casa dos Biscayas, da Fonte Nova, ainda aparentados com o Cid Campeador — se tinha dignado assistir também ao baile. Ha quanto tempo se não viam!

Sensivelmente da mesma idade, aprenderam ao mesmo tempo as primeiras letras, fizeram, juntas, os primeiros estudos, frequentaram ambas o mesmo collegio, onde, por ultimo, ambas estiveram internadas. E, no collegio, com a adolescencia, a amizade que desde a infancia as ligava mais se afirmou — a tal ponto que Tita e Joaninha, mais do que duas irmãs, eram duas amigas intimas. Nenhuma delas sentia vocação para o casamento, e este facto mais as aproximava. Durante as férias — que Joaninha passava na quinta do Verde-Gayo e Tita na Fonte Nova — escreviam uma á outra longas cartas, relembrando sempre a doce intimidade do collegio. Por vezes, num *post-scriptum* posto a correr, falavam num certo rapaz que lhes fazia a corte: era quasi sempre um fidalgo da vizinhança que, por motivos mais de fortuna que de coração, se propunha levá-las ao altar. Mas, feita a confissão a simples titulo de curiosidade, a conclusão era sempre e invariavelmente a mesma: «possivelmente, não nascemos para estas coisas do casamento...» E dessa negação comum resultou que tanto Joaninha como Tita persistiam heróicamente no regimen do celibato.

Tinham terminado pouco antes os seus estudos, quando o Destino as separou: Joaninha veio para Lisboa, ao mesmo tempo que Tita fixava residência em Paris. Escreviam-se então bastante; escreviam-se mesmo muito... Mas a ausência, que tem uma filha Saudade, tem igualmente um filho Esquecimento. E assim se passaram alguns anos, em que, lentamente, Joaninha foi deixando arrefecer o fogo da sua ternura por Tita.

Mais persistente nas suas afeições, Tita, por seu lado, não se esquecia de Joaninha. De longe e por interposta pessoa, ia seguindo pas-

so a passo as evoluções sentimentais da sua amiga. Não lhe escrevia já; não tinha noticias directas dela; mas estava convencida de que, no momento em que voltasse a apparecer-lhe, a uma simples palavra sua, Joaninha voltaria a ser para ela a mesma confidente, a mesma dedicada companheira de todas as horas, dos momentos de alegria como dos momentos de tristeza. Uma palavra, e Joaninha cair-lhe-ia nos braços, num grande abraço, num longo beijo de ternura: o amor passa, a amizade fica...

Foi neste estado d'alma que Tita entrou no palacete do Torel. Ia rubrosa, nos seus olhos verdes, onde havia qualquer coisa de hermetico, num sorriso que fazia deslizar uns labios vermelhos, sensuais e frescos, envolta num delicioso vestido *pailleté*, decorado até á altura em que o vigor dos seios tumidos começava a transparecer, e que lhe ficava admiravelmente um pouco acima dos hombros. Quando a viu, assim tão bella, Joaninha teve um grito de surpresa: um grito que, apesar de depressa abafado, lhe fez estremecer o coração.

— Que alegria me dá, Tita querida!

E caíram nos braços uma da outra; e Tita, sufocada de alegria, não pôde articular uma palavra.

A surpresa desta visita fez com que Tita esquecesse a presença, a dois passos, do poeta Gumerzindo de Samodães, com quem Joaninha falava e com quem mantinha, havia dois meses, todo o protocolo dum noivado em perspectiva. Gumerzindo era, além dum perfeito *gentleman*, um verdadeiro poeta de sociedade, autor inspirado de um lindo volume de versos: *Bonbons cor de rosa*, e dum volume de crónicas admiráveis: *O sabat-jours de setim*. O seu talento decionista, sobretudo, era famoso e afamado; os seus epigramas, mordazes como nenhuns outros, constituam o terror dos salões.

Passando por Gumerzindo, no momento em que Joaninha o deixara só para abraçar a sua amiga, Frederico de Macedo não pôde deixar de implicar com ele:

— Has de fazer uns versos para uma pequena, ouviste?

E Gumerzindo ficou desde logo meditando no seu espirito uma graça espontanea para se vingar de Frederico, quando ele por ali voltasse a passar, dansando nos braços duma rapariga. Em questões de dignidade, Gumerzindo era feroz: não perdoava ao seu melhor amigo.

Joaninha e Tita tinham tanto que dizer uma á outra, tanto que falar, que lhes era impossivel fazer-lhe naquelle ambiente viciado, cheio de fumo — todos fumavam, nos bailes das Pintalgayas — e num *brouhaha* que tirava ás confidencias todo o sabor de intimidade.

— Vamos para o jardim, Tita?

Mas, no fresco do jardim, áquella hora da noite, Tita poderia constipar-se. Lembrou-se, então, de que trazia um vestido bastante fresco:

— Venho indecentemente decorada, filha. O que vale é que tu só recebas gotte de bem!

— Vamos para o meu quarto, se preferes — propôs Joaninha.

Tita preferia, realmente, o quarto de Joaninha, onde, numa temperatura tão haveria um silencio são. E como, para passarem aos aposentos de Joaninha, tiveram de cruzar-se com Gumerzindo, Joaninha lembrou-se de que era seu dever pedir-lhe licença por uns instantes:

— Gumerzindo, tenha paciência, volto já... Vou atender esta minha amiga, que chegou hoje de Paris.

Gumerzindo curvou-se, reverente, e foi tudo.

Excepcionalmente entre raparigas, não foi da vida das suas amigas que Joaninha e Tita falaram, tão depressa se encontraram a sós. Tinham tantas confissões a fazer uma á outra, que mal lhes chegaria o tempo para tratarem de qualquer outro assunto. Tita, sobretudo, trazia á flor dos labios rubros uma pergunta que lhes escaudava:

— E' verdade que vais casar?

Falara-lhe dum modo tão imperativo, Tita, que Joaninha não sabia como responder-lhe: se dizer a verdade, se mentir. Num re-

lampago, porém, entendeu que o melhor seria confessar toda a verdade:

— Com quem, pode saber-se? — E' certo, vou casar...

Joaninha baixou os olhos, còrou e respondeu:

— Vou casar com o Gumerzindo...

— Com o Gumerzindo?! — voltou a Tita, espantada. — E quem é esse *quidam*?

— Aquelle rapaz a quem eu falei agora, ao passar comtigo... — explicou Joaninha com uma grande desolacão na voz.

— Idiota! Para coisas de amor, continuas a ter a mesma negação que eu.

Sobre estas palavras, as portas do quarto de Joaninha fecharam-se hermeticamente — para só voltarem a abrir-se uma hora depois, quando Margarida, inquieta por não saber da irmã, lhe foi bater á porta:

— Abre, Joaninha, sou eu...

— Não posso agora: estou com uma furiosa nevralgia! — respondeu-lhe Joaninha: mas vou já.

Efectivamente, momentos depois, Tita e Joaninha voltavam á sala. Tita estava agora mais expansiva, mais alegre, aberto o seu coração confesados todos os segredos á sua grande amiga. Joaninha, pelo contrario, estava mais palida, — duma palidez que a borla de Coty não conseguira desfazer. E como a noticia da nevralgia depressa se espalhara na sala, não havia ninguem, ao cruzar-se com Joaninha, que não lhe preguntasse:

— Está melhor da nevralgia, Joaninha?

E até o joven ministro da Republica d'Andorra, no seu sorriso mais diplomatico, lhe foi amavelmente preguntar:

— *Vous avez eu mal á la tête, Mademoiselle?*

— *Oui*. — respondeu Joaninha. — *Mais c'est fini.*

— *Tant mieux, Mademoiselle...*

E Joaninha viu luzir, por detraz do monoculo do illustre diplomata, uma tal ironia, que não se conteve sem proferir, tão depressa D. Alonso del Rio voltou costas:

— Raios os partam, mais á nevralgia!

MYSELF.

Elevador da Gloria

De combate.
Na gare de Avintes, o passageiro: — Posso apcar-me no Vale da Muã?

O chefe, muito atencioso: — Pode, sim, senhor, mas não tem estalho!

Entre amigos:
— Que differença ha entre um optimista e um pessimista?

— Optimista é o que diz: «amanha é domingo»; pessimista o que diz: «amanha é domingo».

João... estava muito doente. Então ocorreu-me a ideia de a levar aos saldos do Grandela. Pôs-se boa de repente!

Antonio: — Não teria sido mais barato chamar o medico?

João: — Com certeza, mas não me lembrei!...

Entre amigos:
— A tua mulher é muito caseira?
— Nem por isso, mas canta muito bem!
— Teria sido preferivel comprar um canario!

PRIMAVERA



Duas borbolêtas

Graça dos outros

O joalheiro: — Compraria com muito gosto estas joias se soubesse a proveniencia delas!

O ladrão: — Esteja tranquilo! Os seus donos são pessoas muito honradas!...

Numa estação telegrafica, certa dama apresenta, para transmitir, um telegrama muito mal escrito:

— Isto não se entende, minha senhora.

— Não faz mal. E' para meu marido e ele percebe bem a minha letra.

Numa reunião de caracter politico:

O orador: — A minha voz, pre-sados correligionarios, ouvir-se-á em todo o Portugal...

Um assistente, lá do fundo da sala: — Mais alto! Mais alto! Não se ouve, aqui, nada!

Flirt:
Ele: — Meu pai fez a sua fortuna rapidamente, dum modo curioso. Quer saber como?

Ela: — Não! Só me interessa saber se ainda a conserva!...

Maldito papagaio

Em tempos havia, em certa aldeia, um padre gorducho, coradinho como tantos outros.

Os habitantes da aldeia eram patêgos, o que favorecia rev. Anastacio, podendo este dizer tudo o que quizesse, mesmo asneiras que fossem, que não atropelava nenhum recruta...

Já por todos os cantos da aldeia se dizia que rev. Anastacio iria fazer alguns milagres, a fim de tornar crentes os ateus.

O sacristão, homem esperto, lá tinha o seu papel de respeito. Por combinação do rev. Anastacio, estava encarregado de se disfarçar de camponês e, no dia em que ele estivesse no pulpito a pregar, devia abeirar-se e pedir para aparecer um gato.

Para que tal acontecesse, estaria na sacristia um filho seu, a tomar conta de uma gaiola onde estava um gato esfomeado e, quando rev. Anastacio estivesse nas suas orações, abriria a porta para o gato fugir para a igreja.

O sacristão estava ainda encarregado de ensinar o seu papagaio a acender um fosforo e voar com ele aceso, para assim se dar o milagre de aparecer lume.

★ ★ ★

Dia de festa. Todas as noças da aldeia, com os seus fatos dominicanos, lá vão a caminho da igreja.

No pulpito rev. Anastacio préta com voz pausada e melódica: — Meus irmãos: Quiz Deus, ao descer á terra, que se criassem os milagres para salvar a humanidade. Algum de vós quereis presenciar um milagre?

Adeantou-se o sacristão e disse:

— Vossa reverendíssima poderia fazer aparecer um gato?

O padre resou... e o gato passou de repente pela igreja, entrando pela porta que estava aberta, para o papagaio sair com o fosforo aceso.

Outra vez pregando, rev. Anastacio, lá do pulpito, disse:

— Mil e um milagres tem sucedido, meus irmãos. Por excepção, quereis presenciar mais algum?

Adeantou-se um chomesinho, dizendo:

— O' senhor prior, eu queria que apparecesse lume!

O sacerdote resou... resou e o papagaio não havia meio de aparecer com o fosforo aceso.

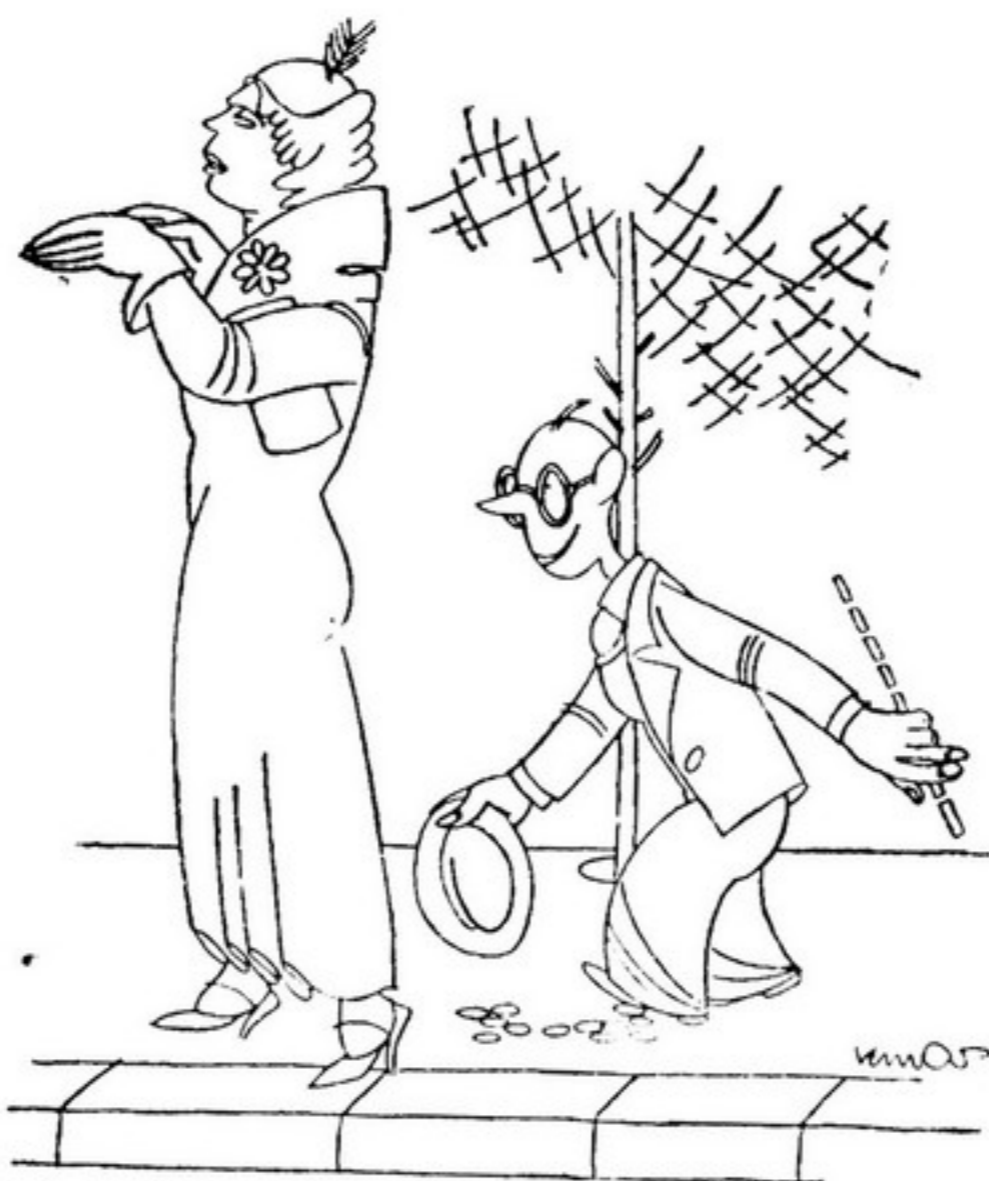
Já se começava a ouvir sussurro, quando o papagaio, entrando na igreja, voou para o pulpito e, voltando-se para o padre, disse:

— Agora é que o senhor prior está arranjado! O gato urinou-me para a caixa de fosforos...

BAFFO.



Zémarkes, o caricaturista que expõe na Bobone.



Ela — Já lhe disse que me não siga... Demais, sendo o senhor desse tamanho, não pense que me conquista...

Ele — O' minha senhora, isso não tira nada... Também o Napoleão era do meu tamanho e conquistou a Europa.

A CRISE DE CARACTER

De todas as crises que dominam a sociedade actual, aquela a que se atribuem quasi todos os males, a que é tida como causa de muitos erros, desde o mais grave desequilíbrio da politica economica ao mais natural da politica internacional, é a crise de character. Toda a gente a aponta como tal, e podem muitos erros e males ter outras causas, que a crise de character será sempre o bode expiatorio de muita pouca vergonha, e sempre com ella que se mascararam as mais ignobis intencões.

Polizmente ha muitas excepções. Mal de nós, se assim não fôr e. Estaria tudo irremediavelmente perdido.

No numero destas excepções pode contar-se o seguinte facto, ocorrido ha pouco tempo, entre dois individuos muito coadice os em determinação meio.

Um negociante, que indicarei apenas pelo nome de Fernando Eugenio, havendo realizado uma importante transacção, teve necessidade de depositar a quantia realizada na casa do seu migo Bonifacio. Succedeu, porém, que, quando se dirigia ao estabelecimento, já este estava fechado, e o Bonifacio vinha saindo na companhia de dois dos seus empregados: o caixa e o guarda-livros.

— Então, por aqui?

— E' verdade. Trata-se duma quantia importante que eu pretendia...

O Bonifacio julgou que o seu amigo queria fazer algum desconto e cortou-lhe a frase:

— Porque não vieste mais cedo? Agora tenho tudo fechado.

— Mas não faz mal — observou-lhe o Fernando Eugenio. — Fiz um negocio na importancia de 50 contos e, como tenho de partir amanhã para o norte e não preciso deste dinheiro, tu podes guardarmos e amanhã levá-los á minha conta de deposito.

— Pois, sim. Não tenho duvida nenhuma em fazê-lo. Podemos ir ao teu escritorio e passo-te um recibo em fórmula.

— Para que é preciso isso? Tenho bastante confiança em ti, na nossa velha amizade, para poder dispensá-lo. De resto, aqui o teu guarda-livros amanhã pode mandar a nota de crédito para o meu escritorio.

— Dizes bem, sim.

E o Bonifacio, na frente dos seus dois empregados, contou o dinheiro e guardou-o na algibeira.

★ ★ ★

Quando o Fernando Eugenio regressou do norte, depois de duas semanas de viagem, o seu primeiro cuidado, ao chegar ao escritorio, foi presuntar ao seu guarda-livros se lhe tinham remetido a nota de crédito. Ao saber que tal não tinha acontecido, correu immediatamente ao encontro de Bonifacio.

— Afinal, esquecete-te de enviar a nota de crédito daquele dinheiro...

— Qual dinheiro?

— Qual dinheiro?! Dos cincoenta contos que te entreguei ha 15 dias. Ias tu, por sinal, com o teu caixa e o guarda-livros.

— Tu não estás bom da cabeça. Tu entregares-me 50 contos no meio da rua!... De resto, sabes bem que eu nunca realizo transacções dessas, senão no meu estabelecimento.

O que se passou é tão facil de calcular, como difficil de descrever. Grande escandalo, imprecacões, o diabo! E o Bonifacio, tendo chamado o caixa e o guarda-livros, perguntou-lhes:

— Os senhores lembram-se deste senhor, ha 15 dias, me entregar á sua vista, a quantia de 50 contos?

— Eu não me recordo.

— Nem eu...

— Bem. Podem retirar-se.

O escandalo lá a repetir-se, talvez com mais furia, quando o Bonifacio fez suspender a furia do Fernando Eugenio:

— Não te exaltes; espera um bocado. Toma lá o teu dinheiro... E foi buscar ao seu cofre os 50 contos.

— Mas que brincadeira é esta, não me explicarás? — perguntou o Fernando.

— Brincadeira, não; é uma coisa séria. E' que quiz pôr á prova a integridade de character e a honradez dos meus empregados.

Foi desta forma que o Bonifacio se convenceu da honradez dos seus empregados, e que o Fernando Eugenio confirmou que a crise de character é coisa que não existe.

BRAZ SERENO.

No país dos soviets

A Republica dos Soviets, se dá lugar a muita preocupação séria, também consegue fazer rir.

Assim, afirmam que o jornal *Izvestia* publicou ha tempos esta parte dum agente da policia dirigida ao seu chefe:

«Tenho a honra de o informar que, durante o meu serviço na noite de 11 para 12 do corrente, não houve novidade alguma digna de registo, salvo o seguinte: o meu chefe, sofrendo duma grande embriaguês, voltou ao posto pelas três horas da manhã, acompanhado duma pequena orquestra de instrumentos de sopro.

O meu chefe deu-me ordem para vos acompanhar e, no quarto onde se guardam os aparelhos de convicção, bebeu três garrafas de vinho que tinha trazido do seu gabinete. Em seguida ordenou-me que puzesse em liberdade os presos.

Cumpri a ordem e fiz entrar oito no seu gabinete. Na sua presença e com acompanhamento de musica, o meu chefe bebeu mais três garrafas, dizendo:

— Felicitai-me pelo meu dia de hoje.

Depois disto, ordenou-me que metesse outra vez os presos na cadeia.

Como eu e alguns camaradas fizéssemos algumas observações, o meu chefe deu-nos alguns murros na cara. Em seguida, o meu chefe vomitou, dormindo depois sobre as suas proprias dejeccões.

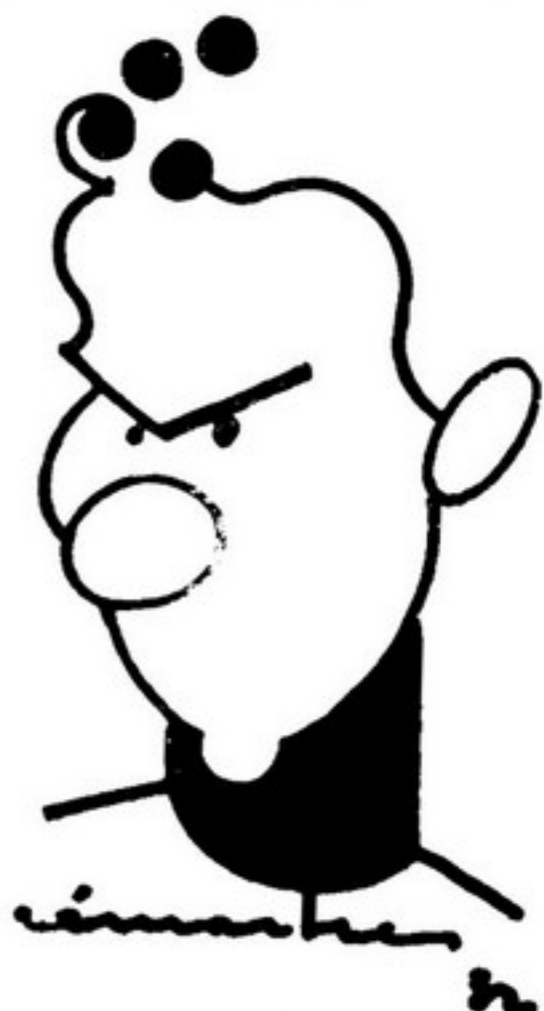
★ ★ ★

Ha dois anos, numa praia russa do Mar do Norte, tomavam banho duas mulheres.

Passa um guarda vermelho, que as repreende severamente, multando-as em seguida.

A' que estava toda nua, por motivo de contra-revolução — porque excitava assim uma parte da população contra a outra.

A' que estava em *maillot*, por especulação — porque escondia objectos de primeira necessidade.



Lima, o pintor que expõe na Bobone.

Cacharolete

O filho de Lindbergh
ainda não appareceu
e a pobre mãe deplora
a sorte que Deus lhe deu.

Tanta gloria, tanto ouro,
fama, conforto, vaidade,
para um bandido destruir
a sua felicidade!

Quando a gente lê, atônita,
o que vai p'lo novo mundo,
o nosso espirito assombra-se
fica meditabundo.

E dizem que esses países
é que são civilizados,
e é nós, os portugueses,
é que somos atrasados!

Lá nessa America forte,
onde o banditismo impera,
o tal progresso tornou
o homem em brutal fera.

E, ao ver isto, o coração
fica cheio de carinho
p'lo que vale, ao pé dos outros,
o nosso bom Zé Povinho...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Dizia um tipo qualquer
que outro que lhe apresentou
tinha tido uma mulher
que em tempos o sustentou!

Eu não quiz crer. Certamente
eram calunias, ciume...
Dizer mal de toda a gente
é uso, moda e costume...

Mas o outro, p'ra provar
que afinal tinha razão,
soube fazer-me calar
co'a seguinte explicação:

— Apesar de muito honrado
o homem de quem falou
foi decerto sustentado
pela ama que o criou!

PATO MARPECO

Junto um sacco meio de fava
que ia roendo pacatamente,
uma pobre burro filosofava
como e costume de muita gente.

Suave mesmo em creer sem grave offensa
p'ra todo o resto da humanidade,
que quando um burro matuta e pensa
p'ra alguma grande verdade.

E o burrito, enquanto estava
acumulando razoes em barba,
ia pensando... num se lembrava
qu' sobre o dono tinha uma albarda.

Julgava ele nos desaccertos
a que conduzem malos pensamentos,
que era, enfim, livre, que eram libertos
todos os tristes pobres juntes.

Cuidou-se apostolo dum meio
pregando do alto duma tribuna
a guerra ás castas, ao capital,
com enthotinas e com comuna.

E o seu zurrar epico e forte
como trombetas chamando a guerra
l'ra rajadas de vento norte
lançando tronos mortos por terra.

Algum parava nesse momento;
e o burro, então, num nobre gesto,
erguendo as patas, mandou ao vento
o testemunho do seu protesto.

Depois... seguiu. Olhando em volta,
creu que já tinha certa a victoria;
quiz ir, levar longe a revolta
contra os tiranos de vil memoria.

Deu um puxão... El-lo que acorreu,
chamado á triste realidade,
sentindo presos por uma corda
os sonhos loucos de liberdade.

E só então, num desalento,
volvendo á fava com mansidão,
sentiu no dorso rijo e chaguento
o emblema ignobil da escravidão.

Homem, não rias do pobre burro,
nem dos seus sonhos de liberdade:
— afóra os coices, afóra o zurro,
o burro és tu, humanidade!

ANTONIO AMARGO.



— «Aqui na lista vêm cinco peixes diferentes. Qual é o que está mais frêsko?»

— «Recomendo-lhe as sardinhas em lata.»

Uma do Boguinhas!

Eufrasia Suspiro, senhora solteirona que tinha passado a sua mocidade num convento de carmelitas, entre as contas do sea rosario e os óculos pretos de madre Francisca, adorava as creanças como outr'ora adorava os romances realistas, ás occultas na cela.

Foi, portanto, com satisfação que Eufrasia, depois de ter deitado annuncio no *Seculo* oferecendo «nurse respeitavel, desejava educar menina ou menino», recebeu a feliz noticia de que Aristides Bandarra, director dum Banco, a requisitava para acompanhar um seu garoto e ensinar-lhe os principios basilares de civilidade e de inglês. O supracitado banqueiro morava lá para as Avenidas Novas, num palacete rico, com automovel á porta e criados de *libré*. Isto constituia um contentamento inaudito para Eufrasia, por se ver a talade naquele interior respirando opulencia e na companhia do «Boguinhas», o *enfant gaté* daquela casa rica.

«Boguinhas», no entanto, accostumado ao mimo paterno, apesar dos seus quatro anos, era um vivo demonio, não passando um dia em que não dêssem que falar as suas diabruras.

No entanto, Eufrasia lá ia sustentando com paciencia, as infidelidades do seu pupilo, certa de que um dia o haveria de transformar num garoto modelo.

Todos os dias saia ao jardim com o menino e, por debaixo das suas lanetas, assistia sempre ás quedas do garoto, que ora esfrolava um joelho, ora fazia galas na cabeça. A' tardinha, no regresso a casa, prometia fazer queixa ao papá, mas, ante o beicinho do menino, Eufrasia recolhia-se ao silencio, mostrando assim o seu amor pelos quatro anos do «Boguinhas».

Não era raro o dia em que a pobre tinha que andar jogando a cabra-cega com o seu pupilo ou a brincar o eixo no seu quarto de brinquedos. O menino, com todos estes mimos, em vez de se adeantar no inglês e na civilidade, ia-se tornando malcreado como um carroceiro analfabeto.

Ora, certo dia, Eufrasia viu-se constrangida a pedir a sua demissão do cargo de «nurse». Preguntaram-lhe qual teria sido o motivo de tal resolução, mas Eufrasia permanecia calada e alegava que o garoto a tinha ferido na sua honra de solteira.

Foi chamado o menino a capitulo, mas não fez mais que bater o pé no chão ante o interrogatorio que lhe armaram.

— Vá, menino, — retorquia-lhe Eufrasia, arrebitada — conte a seus pais a offensa que fez á sua amiguinha.

Mas o menino, mudo como um marco postal, nada dizia.

O que seria, o que não seria, até que Eufrasia resolveu contar á senhora, em segredo, para que não ferisse os seus pruridos de ouvidos, a estranha historia.

— Ora, v. ex.^a sabe como é o «Boguinhas» — começou ella. Eu nunca imaginei que ele fosse capaz duma tal *malcriadice*... E' a primeira vez que isto me succede, a mim, que sou filha dum maior reformado e de uma marquezia.

— Mas D. Eufrasia — retorquia Mme Bandarra.

— Não, minha senhora... Isto é um caso de honra... A minha dignidade foi manchada por um te-delho e, se não fosse a grande estima e consideração que tenho ao sr. Aristides, quizera ir á policia.

E ante a assistencia de Mme Bandarra, Eufrasia contou:

— Calcule que hoje sai, como de costume, ao passeio matinal com o «Boguinhas». Pois, quando iamos a passar no Rossio, o menino — só de me lembrar, eu coroo — appetceu-lhe fazer uma necessidade corporal e fisiologica.

«Ali, em pleno Rossio! Calcule como eu fiquei! Disse-lhe que esperasse um bocadinho e, em altos berros, o «Boguinhas» protestava e requeria um *vaco de noite*. Como ultimo recurso, apontei-lhe o «metropolitano» e disse-lhe que não se demorasse.

«Quiz que eu fosse com ele. Protestei, alegando que senhoras não entram naqueles sitios reservados aos homens. Depois de muitos esforços, lá consegui que ele fosse sózinho, ficando eu á porta.

«Ainda não tinha tido tempo para respirar, quando o «Boguinhas» me apparece, afogueado...

E, com um gesto superior, Eufrasia, numa revolta de castidade ofendida:

— V. ex.^a sabe o que me disse seu filho?

— Não.

— Pode entrar, D. Eufrasia, que só lá está um «magala»!

MANFREDO CASCA-GROSSA.

Noticias do dia

Do estrangeiro

A lei seca

NOVA YORK, 46. — Os agentes da prohibição apreenderam 260 pipas de vinho, destinadas á propaganda da «lei seca». O proprietario do vinho apreendido é um deputado abstencionista, que foi muito felicitado pelo departamento prohibicionista. — (*United Press*).

Ecos do conlito sino-japonês

O Japão disposto a abandonar a S. D. N.

TOQUIO, 20. — O representante do Japão junto da S. D. N. declarou que o seu país está disposto a abandonar aquele organismo para poder livremente conquistar a China. O Japão declarou mais que procede assim num acto de lealdade para com todas as potencias mundiais, pois não deseja estar a faltar aos pactos. — (*Especial*).

As tropas japonesas que se encontram em Xangai vão retirar

TOQUIO, 19 1/2. — O ministro da Guerra do governo japonês declarou ter dado ordem ás tropas japonesas que se encontram em Xangai para recuarem mais 30 kilometros para o interior da China. — (*Favas*).

O general Ma

MUKDEN, 20. — O general Ma resolveu definir claramente a sua posição, resolvendo por esse motivo combater a favor da China, ás segundas, quartas e sextas-feiras, e bater-se pelo Japão ás terças, quintas e domingos. Aos sábados não se bate por nenhum país por se respeitar, em Mukden, a semana inglesa. — (*United Press*).

O Japão partidario da unidade da China

TOQUIO, 20. — O governo japonês declarou-se partidario da unidade da China, declarando mais que o Japão mantem as melhores relações com aquele país e sendo desejo do seu país que, além da Mandchuria, outras regies se tornem independentes. — (*United Press*).

Do país

O desarmamento

FREIXO DE ESPADA-A-CINTA, 19. — Caso seja resolvido o desarmamento geral, esta risonha vila está na disposição de tirar a espada da cinta, contribuindo assim para o desarmamento e passando depois a chamar-se muito simplesmente Freixo. — (*Correspondente*).

Mudanças de nomes de vilas

CALDAS DA RAINHA, 21. — A exemplo do que se pretende fazer com algumas de Lisboa, tambem esta vila vai mudar o seu nome, passando a chamar-se Caldas da «presidente». — (*Correspondente*).

ALCAIDE, 20 3/4. — Tambem esta risonha terra vai mudar o nome, tendo a Camara aprovado uma proposta para que esta terra deixe de ser Alcaide — nome de uma autoridade espanhola, passando a chamar-se «Administrador de Concelho». — (*Correspondente*).

VILA DE REI, 63. — Tambem aqui se pensa em alterar o nome da terra, não estando ainda resolvido qual o seu nome, em vista de a alteração do seu segundo nome para o que deveria ser em nada lhe mudar o seu feitio. A Camara vai abrir um concurso destinado a escolher qual será o seu nome, distribuindo varios premios «pecuarlos» pelos concorrentes ao respectivo concurso. — (*Correspondente*).

Falecimento

MONTEMOR-DE-MEIA IDADE, 14. — Faleceu ontem o abastado comerciante desta vila sr. Augusto Paranhos, o «Botas», proprietario de uma caixa de engraxador no passeio lateral da Praça da Republica. A sua morte foi muito sentida. — (*Correspondente*).



— Cabelo ou barba?
— Tudo.
— Ah! compreendo. Cabelo, barba e colarinho.

Prosa de Cha-Velho

Aquilo em Vila Franca é que foi entusiasmo! Fora da praça ficaram mais pessoas do que aquelas que estavam lá dentro e outras tantas permaneceram toda a tarde nos corredores, com bilhete e sem espectáculo. As que estavam lá dentro sentavam-se no colo umas das outras (especialmente as outras no colo dos outros) e deu-se o caso de um espectador que conseguiu meter um pé entre os que já estavam sentados, ficar toda a tarde com o outro pé no ar, porque, de facto, não cabia um alfinete nas bancadas. E enquanto os que estavam nos corredores se esmurravam coléricos, os que haviam subido para o zénito que cobre os camarotes partiam as travas, que iam cair sobre os que estavam de baixo. Aquilo é que foi entusiasmo em Vila Franca!

Dos toureiros — porque os touros já nos sabemos que são de Palina — apenas *El Estudiante* nos entusiasma a valer. E a propósito de *El Estudiante*, entendemos nós que os que escrevem de corridas de touros têm o dever de fazer profecias acerca dos toureiros que surtem para a glória, assim como os que escrevem de corridas de cavalos têm o dever de indicar os favoritos da vitória. O público assim o entende, ainda que seja mais cómodo e menos perigoso esperar pelos acontecimentos...

E agora a propósito dos que escrevem de touros: por um camarada que faz crítica tauromáquica num dos principais jornais de Lisboa foi-nos dito ter sido procurado por um cavaleiro tauromáquico, que em termos violentos o ameaçou de agressão por lhe ter dirigido algumas censuras ao seu trabalho como artista.

Já ha anos nos aconteceu um caso semelhante, ainda que directamente nunca tivéssemos sido ameaçados por nenhum artista. Então, não pedimos o apoio dos camaradas, mas, mais tarde, e numa reunião a que nos prestámos de boa-fé, oferecemos a todos os colegas da crítica a nossa franca solidariedade.

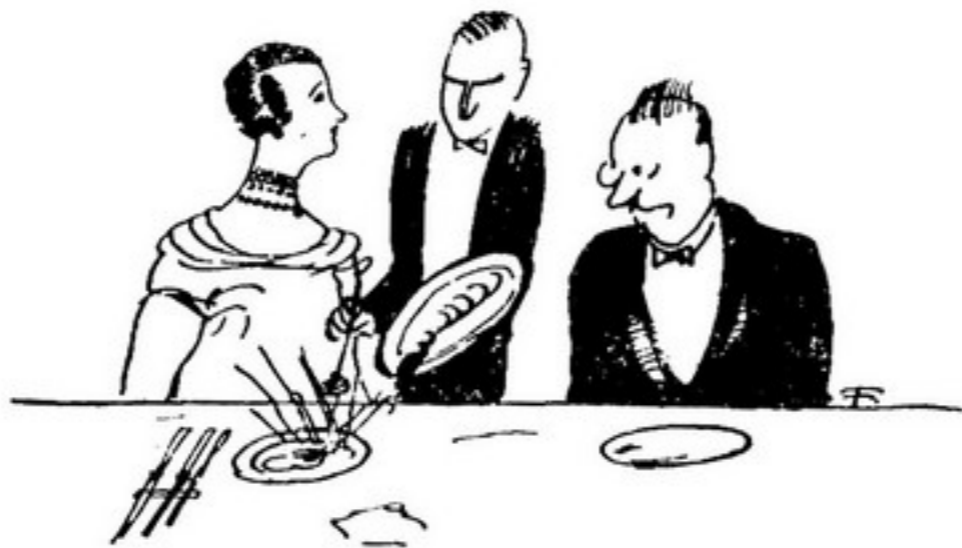
Agora, queremos repetir que estamos ao lado do referido camarada e que ao cavaleiro que o ameaçou é mais conveniente o agradecimento que a agressão por verdades que não temos escrito por benevolência, mas que não hesitaremos escrever se ele agredir qualquer dos que praticam o livre exercício da crítica.

Entendido?...

PEREZ LA CHAISE.



— Então você limpa a loiça com um... meia?
— Não faz mal. Eu depois lavo a meia.



— Uma senhora bem educada não deve dar a perceber o mau serviço dos criados...

DESSPORTOS

A dança da bola nunca mais pára

Que coisa disparatada é este Campeonato da Bola, que nunca mais deixa de rebolar e de produzir exemplos frisantes do que é a educação desportiva em Portugal.

O grupo que tem como padroeiro o Vasco da Gama matou as *Águias*, no domingo passado, fazendo unicamente quatro tiros.

E, como sempre, houve *bazanada*. O imperador Cesar demonstrou mais uma vez a sua ansia de poder. O Cesar picou-se na Silva... E lá está, agora, a Associação para tratar dos ferimentos e aplicar o devido bálsamo...

O noivo Silva parece andar encaixado. As *Tras* nem só dão *amores*... Mesmo o que estes *deafios da bola que rebola* estão a precisar é de *amora*... muita *amora*...

Os internacionais Anibal José e Augusto Silva deram-nos um *idek*, do que ha de ser o combate Schelling-Carnera...

Os leões fizeram uma *ninhada* de 6 *goals*, demonstrando que a *União de Santo Amaro* não consegue dominar o *rei das selvas*. A noite, comemorando o resultado deste jogo, houve sessão solene no Martinho, com discursos sobre educação física...

Nas Amoreiras só se vendeu uma garrafa do delicioso *Carcavelos*, a que alguns dão o nome de *Carcavelinhos*... Em compensação, o *licor do Barreiro* vendeu-se abundantemente...

E aqui está o que foi a bola de domingo.

Antes do combate de bor que acima citamos, pode dizer-se que foi muito interessante o diálogo travado entre Augusto Silva e Anibal José.

Augusto Silva, *todo punhos de renda, seculo XV*, interpelou assim o homem do Benfica:

— *O Anibal! Meu querido Anibalinho! Não me vás às canelas, pelo amor de Deus... Se o céu que Cristo sofreu mais do que eu, não ha o direito, contudo, Anibalinho, de fazer saçar os meus mimosos pesinhos... Lembra-te do Portugal-Yugoslavia...*

Ao que Anibal retorquiu:
— *Sou muito teu amiguinho, meu querido Silvinha. Mas tu és médio centro com o cut; portanto, he que decidir uma questão de supremacia...*

E isto originou a demonstração de bor que o publico fartamente aplaudiu...

O Sporting emarcou em *tennis*, o Internacional, por uma data de triunfos. Havia já quem dissesse que o *José Raquette*, que antes devia chamar-se *José Raquette*, era o campeão dos campeões...

Pobre Raquette! Pois se é certo que o futuro de Portugal está nas colonias...

TAVARITOS.

...“CRO’SOS”...



O hipismo, o ciclismo e o «crossismo» encreçsam os nossos atletas...

O mau cavaleiro

Ou por ser ha muito criado do Senhor Dom Miguel Barroso — o melhor cavaleiro de vinte léguas em redor, ou porque de facto o seu temperamento para ali puxasse, o certo é que o *Manel* era doido por cavalos e por tudo que lhes desse respeito. E, enquanto por seu lado ia aprendendo o mais possível para tornar-se dextro na nobre arte de cavalaria, por outro lado gostava de pôr à prova os conhecimentos alheios e de trocar o mais possível daqueles que não conheciam, como ele, a difícil arte de montar.

Acostumadíssimo a todos os cavalos do patrão, o *Manel* era, além disso, a única pessoa capaz de montar o «Relampago», um cavalo conhecido como mau, que não poucas vezes lançara por terra o proprio dono, quando este estava ainda pouco acostumado aos seus caprichos extraordinários.

Ora, aqui ha dias, o illustre cavaleiro Dom Miguel Barroso comunicou ao seu criado *Manel* que devia chegar no sabado seguinte ás suas propriedades um seu amigo de infancia, que era necessário ir esperar á estação, levando-lhe um cavalo que o conduzisse até casa.

E depois de, sobre este assunto, fazer varias recomendações ao criado, frisou-lhe bem que o amigo que esperava era uma pessoa distintíssima, um advogado illustre e cavaleiro de Aviz.

De tudo o *Manel* tomou nota, prometendo ao patrão bem desempenhar-se da missão de que fôra incumbido. E no sabado seguinte, á hora indicada, lá estava na estação, levando para si um cavalo que lá costumava montar e destinado ao hospede o terrível «Relampago»...

Escusado será dizer que, mal sentiu sobre si o illustre advogado e cavaleiro da Ordem de Aviz, o cavalo, absolutamente alheio ás leis da cortezia, pregou com ele em terra, em menos tempo do que o necessário para o deixar racionar.

Chegados a casa, o criado desdenhoso e o hospede ferido, ficou o patrão arreliadíssimo ao saber que o *Manel* levava para o hospede o mais bravo dos seus vinte cavalos.

E o criado, então, explicou:

— Como o patrão disse que ele era «cavaleiro de Aviz», eu sempre quiz experimentar que tais são os cavaleiros dessa terra. E afinal, olhe que não são grande coisa...

ANIBAL.

Quereis dinheiro?

Joga! no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

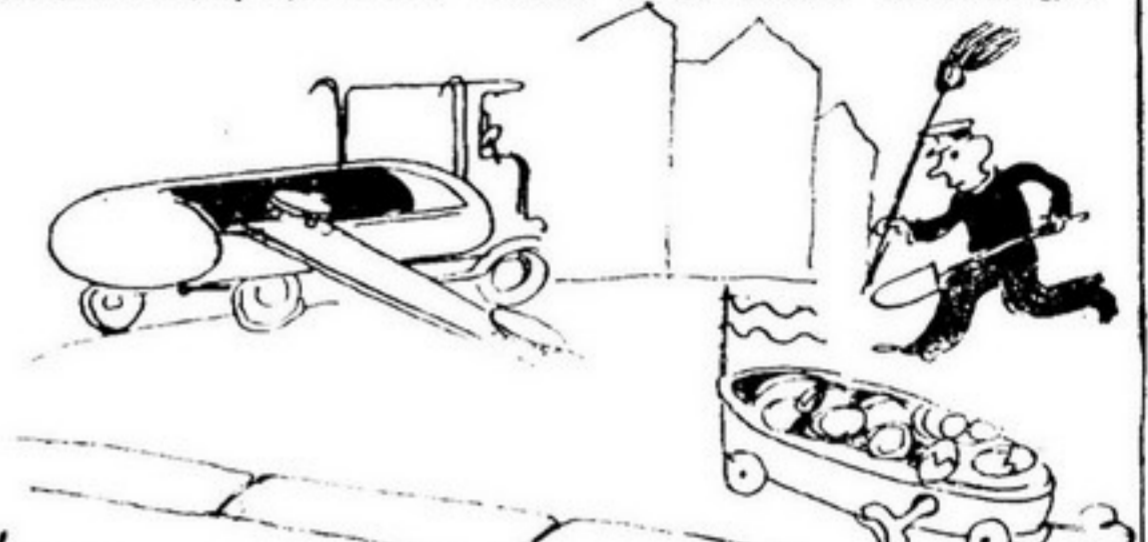
Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

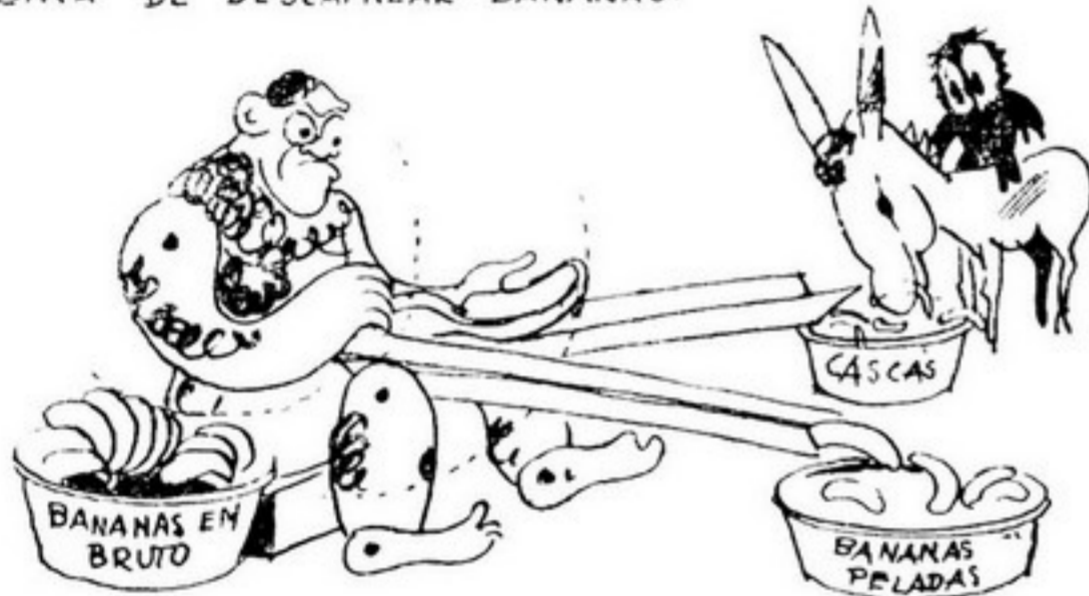
LA SE FORAM AS ARMAS DE S. FRANCISCO DO POBRE HITLERESINHO.



BREVEMENTE CAIXOTES DO LIXO, COM CORDA PARA OITO DIAS AUTOMATICOS, FAZENDO TODO O SERVIÇO SÓZINHOS.



NA SALA ALGARVE FEZ UM GRANDE SUCESSO A NOVA MÁQUINA DE DESCAMIZAR BANANAS.



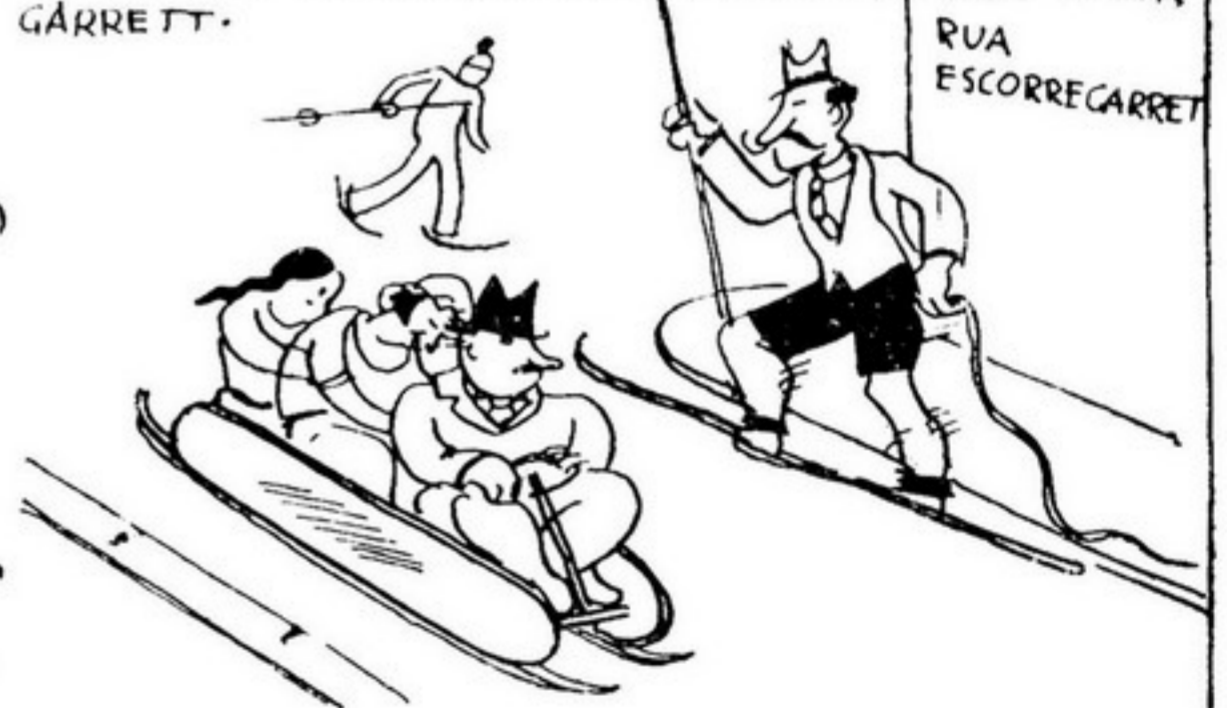
VAI ANIMADO O NEGÓCIO DO CURA-PROPRIETÁRIO DA SANTA ESTIGMATIZADA. POVO! É APROVEITAR AS ÚLTIMAS GOTAS.



POR CAUSA DA AVENIDA 24 DE JULHO AINDA VAMOS TER MIGUELISMO OUTRA VEZ.



OS MEIOS DE LOCOMOÇÃO MAIS PROPRIOS PARA A RUA GARRETT.



ARREBENTOU A CHAUF-FAGE TERRESTRE, E EM JAVA JAVA O DIABO..



... PARA OS ANDES JÁ DESANDARAM ALGUNS GALEGOS PARA APROVEITAREM O CISCO PARA BULAS... É UMA MANEIRA DE NOS VERMOS LIVRES DELES

